

URBANISMO

Confinados nos seus bairros, os portugueses ganharam maior consciência do espaço público que os rodeia

FOTO NUNO BOTELHO



As cidades já não voltam ao que eram antes da pandemia

Mais vida de bairro, maior uso do espaço público e do comércio local já são visíveis

RAQUEL ALBUQUERQUE

O confinamento confrontou os portugueses com o tamanho e os defeitos das suas casas, a falta de uma varanda e a ausência de um parque, jardim ou zona pedonal a poucos metros de distância. Ganham maior consciência do espaço público que os rodeia porque não puderam ir mais longe, enquanto fizeram da casa local de trabalho, começaram a comprar *online* e a descobrir mercearias, supermercados e lojas de bairro. Urbanistas e arquitetos acreditam que muitos dos hábitos que a pandemia impôs na vida dos portugueses vão ficar e isso irá mudar as cidades.

“Quando a pandemia for ultrapassada, muito irá aproximar-se do que era antes, mas não voltará a ser tudo igual”, defende Jorge Macaísta Malheiros, professor no Instituto “**Há um antes e um depois da covid nas cidades.**

Qualquer mudança terá de ser articulada com a transição ambiental”, diz o arquiteto Nuno Grande

de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT). “Muitas coisas avançaram de forma rápida e extrema. Mesmo que recuem, não voltam ao ponto em que estavam há um ano. Usamos agora recursos que estão mais próximos, mais comércio local, acompanhamos mais os vizinhos, a comunidade, a vida de bairro, e valorizamos mais o espaço público, ao qual damos um uso diferente e mais intensivo.”

Nuno Grande, arquiteto e professor na Universidade de Coimbra, concorda. “Há um antes e um depois da covid nas cidades. Mas qualquer mudança gerada pela crise pandémica terá de acontecer em articulação com a transição ambiental e novos modos de vida”, defende. Da valorização do espaço público ao aumento do comércio eletrónico, das novas práticas de teletrabalho às transformações da mobilidade e à qualidade da habitação, eis as grandes mudanças que os especia-

listas estimam para as cidades no período pós-pandemia.

MENOS ESCRITÓRIOS E NOVOS ESPAÇOS

É expectável que o teletrabalho passe a ser mais frequente do que era antes da pandemia, com mais rotatividade e menos reuniões presenciais, o que permitirá às empresas encolher os seus espaços, levando à reconfiguração de algumas zonas das cidades. “Para diminuir custos com espaço, as empresas podem mudar para edifícios mais pequenos, com menos lugares e equipamentos”, resume Jorge Malheiros. E poderão até surgir “modelos híbridos de habitação e escritórios”, como aponta o arquiteto Nuno Grande. Novas configurações da cidade podem ocorrer devido à maior procura do comércio de bairro, privilegiando mercearias e mercados em detrimento de grandes superfícies. Além disso, defende-se que os edifícios já existentes nas cidades passem a ter utilizações mais flexíveis: uma escola poderá abrir portas para um mercado local ao fim de semana ou um auditório de uma faculdade servir para uma peça de teatro ao fim do dia. É isso que é proposto no modelo das cidades de 15 minutos em aplicação em Paris, que visa garantir que os moradores têm acesso ao essencial num quarto de hora a pé ou de bicicleta. Ocupar espaços vazios com hortas comunitárias é outra opção.

TER MAIS E MELHOR ESPAÇO PÚBLICO

Ter acesso a parques, jardins, ciclovias ou zonas pedonais passou a ter ainda mais valor, até pela importância acrescida no bem-estar físico e mental da população no confinamento. “Há agora um uso diferente e mais intensivo do espaço público, que acho que vai prevalecer”, defende Jorge Malheiros. Essa necessidade expôs com maior clareza as desigualdades que já existiam no acesso a esses espaços: zonas de melhor habitação têm mais parques e jardins, enquanto nas mais desfavorecidas são quase inexis-

tentes. “Há um problema quando o espaço público não é oferecido com a mesma qualidade a todos. As pessoas até podem ter menos capacidade financeira e viverem em casas mais pequenas, mas é uma obrigação garantir-lhes a qualidade do espaço público envolvente. Isso deveria ser a base da nossa organização democrática”, alerta Paulo Tormenta Pinto, defendendo uma maior aposta no espaço público.

A ERA DAS ENTREGAS AO DOMICÍLIO

A distribuição de entregas em casa disparou e isso obriga a relocalizar plataformas logísticas, reorganizar rotas e percursos de distribuição, além de encontrar soluções para a dificuldade de parar à porta em ruas mais estreitas e movimentadas ou entrar em zonas de acesso vedado a automóveis. Se o atual volume de entregas ao domicílio em confinamento se mantiver com níveis de trânsito mais elevados, e com menos pessoas em casa prontas para receber as encomendas, o impacto na circulação será maior e obrigará a mudanças estruturais e novas regras. Criar pontos de recolha ou fazer entregas a pé ou de bicicleta em distâncias curtas são algumas das propostas.

DISTÂNCIAS MAIS CURTAS E SUSTENTÁVEIS

Tirar carros estacionados nos passeios, alargar zonas pedonais, incentivar o uso de bicicleta e evitar que as pessoas regressem aos automóveis são outras mudanças fundamentais da mobilidade que terão impacto nas cidades e que estão agora a acontecer noutras urbes. Paris lançou o Plan Vélo, para ter mais passeios e ciclovias até 2024. Londres também aposta numa rede de ciclovias, e o autarca considera que a pandemia trouxe “o maior desafio” da história dos transportes da cidade. Nova Iorque planeia ter vias para bicicletas em duas das ruas mais movimentadas da cidade e mais de 150 km de ruas pedonais. Roterdão (Holanda) impediu a circulação de carros em algumas ruas depois das 16 horas e em Portland (Estados Unidos)

os parques de estacionamento em bairros mais pobres estão a ser usados para mercados. Fruto do teletrabalho, mudaram os padrões de deslocação dos portugueses de casa para o emprego e o carro passou ainda mais tempo parado à porta de casa. Em simultâneo, disparou o uso de bicicleta e apareceram ciclovias temporárias, além de incentivos à compra de bicicletas.

TAMANHO E QUALIDADE DAS CASAS

Fechados em casa, os portugueses depararam-se com os defeitos das suas habitações. “Com o confinamento, percebemos que as casas onde vivemos não têm a qualidade espacial que desejávamos”, defende o arquiteto Nuno Grande, frisando a importância que os terraços, varandas ou quintais ganharam. “Introduziu-se uma cultura espacial nas pessoas, a noção de um direito a um espaço qualificado, a uma cidade qualificada, que é muito importante.” Já desde o 25 de Abril que a qualidade da habitação “é um tema central em Portugal” e o confinamento expôs as desigualdades dos portugueses no acesso

à habitação, como sublinha Paulo Tormenta Pinto. “Está em causa a construção das habitações, além de questões ambientais e energéticas com grande impacto no controlo da crise sanitária. São necessárias políticas públicas sérias.”

A eficiência energética é um desses problemas e a quantidade de queixas e dúvidas dos portugueses este inverno levou a DECO a criar um gabinete de aconselhamento energético. A par da pandemia, o pico de frio de janeiro expôs a falta de condições em que vivem muitas famílias, sem conseguirem aquecer as casas. “Até agora, os fundos europeus não contemplavam a habitação, mas já passou a ser um dos elementos fundamentais”, frisa Nuno Grande. “Cidades como Lisboa e Porto têm de pensar a sério na habitação a custos acessíveis e em locais privilegiados da cidade. Pode ser uma aposta importante para rejuvenescer as cidades, evitando enviar as pessoas para as periferias, como aconteceu nos últimos anos.”

ralbuquerque@expresso.impresa.pt